

Origem e desenvolvimento da Indústria Cultural

Levi Gabriel Pereira Torres¹

Resumo: Esta pesquisa pretende ser, a partir da análise da obra *Dialética do Esclarecimento*, uma explanação sobre o conceito de Indústria Cultural. A exposição trará o desenvolvimento do conceito de Indústria Cultural enquanto inserido na sociedade que se encontra controlada pelo sistema capitalista, como apontaram Horkheimer e Adorno. É importante ressaltar, desde já, que os trabalhos de diagnóstico social que empreendem os autores da obra *Dialética do Esclarecimento*, foram feitos do conjunto dos conteúdos desta obra interligados. Logo, os temas a serem trabalhados neste artigo só podem ser compreendidos enquanto interligados.

Palavras-chaves: Indústria Cultural. Esclarecimento. Diagnóstico social. Emancipação. Sistematização social.

INTRODUÇÃO

Há setenta e cinco anos atrás era publicada a *Dialética do Esclarecimento*. Todas as grandes transformações da humanidade que aconteceram e marcaram a sociologia na década de 1940 estão ali retratadas segundo a análise social de Max Horkheimer e Theodor Adorno. A importância de revisitar esta obra pode ser compreendida principalmente pela necessidade apontada pelo próprio método da teoria crítica, que é ressaltar a iniciativa de uma tomada de consciência crítica pelo momento vivido. Isto é, é preciso colocar em foco a realidade concreta do momento vivido pela humanidade uma vez que está caminhando cada vez mais para uma realidade de aldeia global. Nela, existe a grande dinâmica da comunicação por um lado, mas consequentemente também sobressaem aos holofotes da comunicação as patologias sociais vividas hodiernamente.

No contexto em que foi escrita, a *Dialética do Esclarecimento* traz o método da teoria crítica como uma forma de pensar a realidade segundo a percepção de ver na humanidade potenciais de emancipação. Essa perspectiva se pauta segundo as orientações originais do pensamento dos filósofos do período conhecido como século das luzes, ou iluminismo ou o Esclarecimento (*Aufklaerung*). Isto é, pelo uso da razão que garante a emancipação do sujeito e da sociedade, tal como foi proposto pelo Esclarecimento².

1 Levi Gabriel Pereira Torres é frade dominicano, formado em Licenciatura de Filosofia no ano de 2022 pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte - FAJE - BH (E-mail: levitorre10@gmail.com, tel.: +55 21 99098-1339). Graduando de teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Esteve como bolsista da FAPEMIG durante os meses de fevereiro a dezembro de 2022, período que esteve no Programa de Iniciação Científica da FAJE - BH. O trabalho esteve inserido no projeto de pesquisa Desafios para uma Ética Contemporânea, tendo como orientadora a Prof.^a Dr.^a Cláudia Maria Rocha de Oliveira.

2 Usaremos para nos referir ao esclarecimento com E maiúsculo para diferenciar o processo histórico do substantivo esclarecimento.

Por teoria crítica entende-se a teoria que é contrária à chamada teoria tradicional, que valoriza o imobilismo e quietismo do sujeito que conhece o objeto independentemente das condições sociais e históricas. A teoria crítica procura “colaborar na intervenção e no redirecionamento do processo histórico em favor da emancipação dos homens em uma ordem social justa e igualitária” (FREITAG, 1986, p. 42). A semelhança das obras da teoria crítica está em que elas falam de algum ponto do tema do iluminismo ou Esclarecimento (FREITAG, 1986, p. 33-34).

A Teoria Crítica, ao realizar diagnósticos sociais, quer descobrir quais são os aspectos de alienação ou doutrinação na vida concreta dos indivíduos em sociedade. Ela tem por objetivo explicitar potenciais de emancipação inerentes à própria sociedade.

A *Dialética do Esclarecimento* inicia com a questão: “por que a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 11). As reflexões desta obra filosófica manifestadas em textos ensaísticos se pautam numa problematização dos diagnósticos sociais feitos por Horkheimer e Adorno. Ela expõe uma crítica sobre a nova ordem que dominava a sociedade que se dizia esclarecida, e “reflete a atitude crítica com a qual Adorno e Horkheimer encaram a evolução da ‘cultura’ nas modernas sociedades de massa, da qual os Estados Unidos seriam a versão capitalista mais avançada” (FREITAG, 1986, p. 20). O fato de que por um lado a lógica social parecia avançar em conhecimento técnico-científico e por outro afundar em uma barbárie de desumanidade, pedia uma reflexão sobre os rumos que o Esclarecimento tomava.

Dentre as principais patologias que Horkheimer e Adorno diagnosticaram podemos citar a perda, com a crescente expansão da influência do mercado no meio social, da capacidade subjetiva de formar a própria consciência pensante e a liberdade autônoma. Indivíduos que formam a sociedade moderna cooperam com essa expansão por meio da Indústria Cultural, que é consequência de um longo processo de desenvolvimento da racionalidade instrumental que expandiu o mercado pela sistematização social.

Ora, o que é proposto nesta pesquisa é, então, compreender o que Horkheimer e Adorno entendem por Indústria Cultural. Trata-se de conceito que só pode ser compreendido de modo adequado à medida que é inserido no processo de esclarecimento que se estabeleceu predominantemente a partir da Idade Moderna nas sociedades ocidentais.

Para alcançar o objetivo proposto dividimos este artigo em três partes. Na primeira mostraremos que para compreender a Indústria Cultural é preciso ter presente o percurso histórico a partir do qual Horkheimer e Adorno diagnosticaram o desenvolvimento do Esclarecimento. Tal percurso, como veremos, resultou na expansão desenfreada e desumana de um sistema social por meio da racionalização da vida. Em seguida desenvolveremos o conceito de Indústria Cultural nas suas manifestações e influências na sociedade do consumo. Finalmente, será abordado o aspecto da comunicação como instrumento inserido na Indústria Cultural.

1 ORIGENS DO ESCLARECIMENTO E DESENVOLVIMENTO

A questão da liberdade sempre foi, decerto, uma questão muito pertinente e cara ao ser humano e à filosofia. Muitos foram os filósofos que se debruçaram sobre o tema. Kant, por exemplo, um dos pensadores mais célebres da modernidade, no texto *O que é esclarecimento?* defendia que só pela liberdade o sujeito alcança a emancipação. O Esclarecimento, conhecido também como Iluminismo, foi um período no qual se acentuou a importância da orientação das ações pela razão. Esse período da história humana teve origem a partir do desenvolvimento da racionalidade moderna e das muitas descobertas que dele decorreram.

Os pensadores da Revolução Científica do século XVII promoveram uma nova forma de ver a natureza, sendo baseada em códigos ou fórmulas escondidas na realidade. Concedeu-se maior destaque ao método científico que se apoia em critérios empíricos e de falsificação. O objetivo era que a ciência e seus avanços resultassem em melhorias na qualidade de vida. Contudo, com o fortalecimento do poder da burguesia, os avanços passaram a ser pensados de modo prioritariamente econômico. A racionalidade moderna, que será denominada por Horkheimer como razão instrumental, passa a orientar as ações do ser humano. A natureza se torna fonte de recursos para os bens econômicos. Ela é submetida ao domínio da razão.

Max Weber, ao pensar a respeito dessa situação, vê a história como processo de reificação. Para ele, com a expansão do exercício da razão instrumental, o mundo e a sociedade passaram por um “desencantamento”. Max Horkheimer e Theodor Adorno, ao levarem adiante as reflexões iniciadas por Max Weber, percebem o aprimoramento do pensamento técnico-científico como regulador do mundo e da sociedade moderna. Diante desse contexto, era preciso que a pretensão kantiana de uma razão emancipada fosse confrontada com o desenvolvimento de um modelo de razão que não gerou emancipação dos indivíduos. A razão moderna produziu polarização, conflitos entre as nações, armas de extermínio em massa, alienação e dominação.

A ideologia positivista, que está na base do desenvolvimento da racionalidade técnico-científica, defendia que apenas o uso da razão moderna e o desenvolvimento da ciência eram capazes de garantir a possibilidade de conhecimento verdadeiro. Contudo, o conhecimento alcançado pelo positivismo se mostrou, em vários aspectos, como ilusório. Horkheimer e Adorno defendem que ele é como: “quimera tecida pelo cérebro no sentido mais liberal do termo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 41). Ao ressaltar o método científico como única possibilidade para o verdadeiro conhecimento da realidade, o positivismo desconsidera outros aspectos importantes, tais como aspectos culturais, sociais e subjetivos.

Como forma de lidar e compreender o retrocesso da razão, esse retrocesso resultado do desenvolvimento da razão moderna, os autores da *Dialética do Esclarecimento* passaram a tratar das relações éticas e culturais dos sujeitos em sociedade. Como afirma Hermann: “Adorno e Horkheimer querem mostrar a queda das conquistas éticas e culturais da civilização e a existência de procedimentos racionais em fenômenos como o fascismo” (HERMANN, 2009, p. 70). O crescimento do autoritarismo e totalitarismo nas políticas das décadas do período

entre guerras e na época pós segunda guerra, em que a *Dialética do Esclarecimento* foi escrita, significava uma agressão aos verdadeiros progressos humanos, alcançados com esforço pela humanidade na história do Esclarecimento.

O iluminismo se apresentava a partir da afirmação de que a razão esclarecida seria capaz de conduzir a sociedade ao desenvolvimento. Este tornaria possível o exercício da autonomia por parte dos sujeitos e seria capaz de garantir a satisfação das necessidades humanas, gerando uma vida boa para as pessoas. Contudo, o desenvolvimento produzido pelo avanço da racionalidade moderna se mostrou, como indica a análise social desenvolvida na *Dialética do Esclarecimento*, problemático. Ele não alcançou o seu objetivo que consistia no estabelecimento da sociedade dita esclarecida³.

O modo de contornar esta situação estava, para Adorno e Horkheimer, na possibilidade de retomada do ideal inicialmente proposto pelo Esclarecimento face a um diagnóstico da sociedade capitalista na sua fase tardia. Na *Dialética do Esclarecimento*, um dos prismas para o trabalho da teoria crítica se torna a “análise crítica dos problemas do capitalismo moderno que privilegiava claramente a superestrutura” (FREITAG, 1986, p. 11). Isto é, o sistema capitalista deveria ser analisado em seu funcionamento. As relações sociais entre os indivíduos submetidos ao sistema capitalista também devem ser foco da problematização. Isso porque é graças à lógica sistêmica inerente a este sistema econômico que a sociedade caminha na direção da massificação. Existe uma relação entre o sistema e o controle das massas. O conceito de sociedade de massas deve ser compreendido a partir da ideia de que a organização social passa a ser pautada por dominação, alienação e repressão de potenciais emancipatórios.

A *Dialética do Esclarecimento*, ao analisar a sociedade capitalista, percebe o processo da expansão do capitalismo como instrumento da expansão do mercado. Para Gatti, esse olhar mais voltado ao capitalismo como totalitário deve-se ao encontro de Adorno e Horkheimer, no período em que estiveram nos EUA, com a sociedade e o capitalismo estadunidense. Inclusive, a *Dialética do Esclarecimento* foi escrita neste período. Por isso, é forte a percepção do contexto da sociedade capitalista em expansão: “A sensibilidade aguda para a padronização da cultura e a percepção dos mecanismos de controle de consciência operadas pela indústria do entretenimento norte-americana dificilmente se teriam formado sem o distanciamento europeu de sólida formação em filosofia e música clássica” (Gatti, 2008, p. 76).

Para Adorno e Horkheimer, o esclarecimento cooperou, de certo modo, com o processo de reificação do mundo, pois possuía, como meta “dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 19). Trata-se de uma forma de exercer a razão até então não predominante na humanidade. Por meio da razão, busca-se uma dominação da natureza de forma desmedida. Além disso, para Horkheimer e Adorno, a razão está em contradição consigo mesma. Ao defender que a natureza não deve ser intuída sem nenhum “poder oculto” ou desconhecido e que sua compreensão deve estar ao alcance

3 Na perspectiva de Kant, um dos defensores do esclarecimento e da autonomia humana por meio do uso da razão, a liberdade do homem é o que o autonomiza perante os “poderes ocultos da razão”, conforme esclarece em seu artigo “O que é Esclarecimento?”

do saber falsificável da racionalidade humana, o esclarecimento não admite como verdadeiro o saber fora desse limite. Aquilo que “não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito para o esclarecimento” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 21).

Embora a razão moderna perseguisse o Esclarecimento, ela nunca conseguiu “se purificar” da racionalidade mítica. Semelhante ao mito, o Esclarecimento é uma forma de explicar a natureza em seu funcionamento, elaborando como resultado um saber inquestionável, dogmático e totalitário. Porém cada um com sua peculiaridade: se o mito preservava o medo na sua percepção de mundo, o Esclarecimento quer desvendar a realidade com o fim de dominá-la e dela tirar proveito. Por isso, Horkheimer e Adorno buscaram as origens do Esclarecimento na mitologia, tomando como principal referência a mitologia grega como forma de explicar a realidade.

O método científico faz do saber uma pretensão de compreensão do todo que é apresentado ao homem com base em fórmulas e leis científicas que garantem o saber verdadeiro. Para Horkheimer e Adorno, nisso pode-se perceber como estão implicados pensamento científico e mito:

Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução. Desse modo, o esclarecimento regride à mitologia da qual jamais soube escapar. Pois, em suas figuras, a mitologia refletira a essência da ordem existente - o processo cíclico, o destino, a dominação do mundo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 39).

A humanidade já está familiarizada com essa forma de conhecer a realidade, isto é, como pretensão de domínio desde seus primórdios, muito antes das revoluções científicas do século XVII (HERMANN, 2009, p. 70). A mitologia grega pode ser considerada um dos reflexos desse poder da razão manifestado no mito por apresentar o poder oculto da realidade, o desconhecido, conforme explicita Horkheimer e Adorno:

No mundo luminoso da religião grega perdura a obscura indivisão do princípio religioso venerado sob o nome de ‘mana’ nos mais antigos estágios que se conhecem da humanidade. Primário, indiferenciado, ele é tudo o que é desconhecido, estranho: aquilo que transcende ao âmbito da experiência, aquilo que nas coisas é mais do que sua realidade já conhecida (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 29).

Conhecer a realidade natural é controlá-la, pois sem o conhecimento desse poder que a natureza manifesta (‘mana’), resta para os homens o medo. Para uma emancipação desse poder que a natureza pode impor ao homem é preciso compreendê-la e controlá-la: “Do medo o homem presume estar livre quando não há nada mais de desconhecido” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 29). Podendo ser considerada fundamental para a constituição da cultura ocidental, a *Odisseia* é fonte de análises na *Dialética do Esclarecimento* pois serve como

uma metáfora para revelar que o esclarecimento possui traços comuns com a mitologia. Era peculiar como os traços do esclarecimento, para os autores da *Dialética do Esclarecimento*, apareciam tanto nos mitos como na sociedade burguesa. Semelhanças com o mito aparecem principalmente na obstinação de compreender o todo da realidade com base em formulações teóricas. Hipóteses científicas, neste sentido, são semelhantes aos mitos gregos.

Após a vigência do mundo explicado predominantemente pela mitologia, a descoberta do *logos* pelos gregos já seria uma nova forma de submeter o mundo ao domínio dos homens, de forma que o que pode ser compreendido pode ser dominado (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 23-24). Se formava, assim, o método de investigação científica que procurava se distanciar cada vez mais da racionalidade mítica, pois uma vez que esta visa fins e persegue-os pela mimese, a ciência busca seus fins “pelo distanciamento progressivo em relação ao objeto” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 25). Assim, enquanto o mito se origina da relação própria do indivíduo com a natureza, a razão esclarecida surgia como proposta de combate à primeira forma de pensar o mundo considerando-a “crendice” ou “mundo encantado” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 29).

Como crítica ao pensamento cartesiano que fortaleceu a ciência como meio de dominação da natureza, Horkheimer e Adorno apontam que: “a dominação universal da natureza volta-se contra o próprio sujeito pensante; nada sobra dele, se não justamente esse *eu penso* eternamente igual que tem que poder acompanhar todas as minhas representações” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 38). A perspectiva antropológica do *eu penso* propagada pela modernidade é a forma de compreender o homem como ser-objeto e dominável.

É de extrema importância salientar que para os escritores da *Dialética do Esclarecimento*, a denúncia à desumanização da cultura por parte do sistema não deveria consistir numa condenação aos avanços alcançados pelo desenvolvimento técnico-científico. É antes uma recriminação pela utilização da racionalidade instrumental como forma de alienação e dominação social: “O aumento da produtividade econômica, que por um lado produz as condições para um mundo mais justo, confere por outro lado ao aparelho técnico e aos grupos sociais que o controlam uma superioridade imensa sobre o resto da população. O indivíduo se vê completamente anulado em face dos poderes econômicos” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 14).

Essa injustiça perdura como sistema sob pretexto de avanço econômico e tecnológico, que parecem estar ligados. O sistema organiza a sociedade com base na ideia de indivíduo que favorece o crescimento econômico e o desenvolvimento do mercado. Em prol do alcance de êxito e da reprodução de um novo sistema econômico, o capitalismo se desenvolvia com exploração e alienação. As sociedades se tornaram meios de reprodução não só material, mas também da lógica econômica e social, que expandia suas influências a todos os lugares em que se encontrava o homem moderno.

Para Horkheimer e Adorno, essa lógica de reprodução social consistia numa das principais agressões à integridade dos sujeitos, pois visava diminuir a capacidade individual de considerar e significar o mundo pela sua própria consciência.

2 INDÚSTRIA CULTURAL E SOCIEDADE MASSIFICADA

O que Horkheimer e Adorno chamaram de barbárie pode ser compreendida assim como uma “incultura”, ou seja, uma cultura feita sem a participação do subjetivo e da consciência individual dos sujeitos éticos⁴. Com o natural e constante avanço da ciência moderna, o que se pretendia era alcançar a desmistificação do mundo e resolver todos os problemas da humanidade. Contudo, o caminho tomado pela sociedade esclarecida resultou, na verdade, na troca de poderes na sociedade. Se antes existia o poder absoluto, representado pelo Antigo Regime europeu, esse poder continuou com outro nome: o poder absoluto do capital (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 140).

O poder do capital sempre contou com o saber científico que, em desenvolvimento, se tornou instrumento para “o controle totalitário da natureza e a dominação incondicional dos homens” (FREITAG, 1986, p. 35). Esta afirmação representa, para muitos críticos da *Dialética do Esclarecimento*, uma manifestação do pessimismo com que o texto foi escrito, em relação à realidade social. Porém, é inegável a constatação de que a busca pela liberdade e autonomia dos indivíduos, que está na raiz do esclarecimento, pode parecer ilusória e até inacreditável, principalmente quando se pretende utilizar o avanço científico como instrumento para expansão do exercício da liberdade. Para Horkheimer e Adorno, a vida concreta dos indivíduos em sociedade mostrava a relação ditatorial que instaura o sistema (FREITAG, ANO, p. 35). O controle social afeta assim as relações sociais humanas nas suas ações mais fundamentais.

Não precisamos aqui reafirmar a importância da sociedade para a formação ética do indivíduo, pois tal aspecto é ressaltado pela sociologia desde seu surgimento com Durkheim. Mas a constatação de que orientações sociais podem ser influenciadas por fontes exteriores à sua organização e consciência dos indivíduos foi no que estiveram centradas as observações de Horkheimer e Adorno. Estava claro que uma nova socialização estava surgindo com a sociedade contemporânea, em que a razão instrumental passava a ter primazia sobre a teórica. Sob sua orientação “calculadora, mercantil e burguesa” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 43), a humanidade passou a caminhar não mais para a liberdade proposta e almejada no início do esclarecimento, mas sim a sufocar e atrofiar esses anseios em seu interior.

A nova socialização reproduz a sociedade moderna e capitalista. Sobre o alastramento da razão instrumental, Nobre nos explicita: “No capitalismo administrado a razão se vê reduzida a uma capacidade de adaptação a fins dados de antemão; vê-se reduzida à capacidade

4 Para Duarte, isso pode ser explicado por meio do conceito de “esquematismo”, como conceito originado do pensamento kantiano. Segundo essa perspectiva, “uma instância exterior ao sujeito, industrialmente organizada no sentido de proporcionar rentabilidade ao capital investido e de garantir ideologicamente a manutenção do *status quo*, usurpa dele a capacidade de interpretar os dados fornecidos pelos sentidos segundo padrões que originariamente lhe eram internos” (DUARTE, 2003, p. 96-97).

de calcular os melhores meios para alcançar fins que lhe são estranhos” (NOBRE, 2008, p. 48). Não se limitando a sua ação na economia e na política, essa racionalidade passou a fazer parte da “socialização, do processo de aprendizado, da formação da personalidade” (NOBRE, 2008, p. 48). Isso significa que a liberdade, na qual os indivíduos presumem estar, não existe. O que há é uma sistematização social, que exige

que o controle social assuma a forma do controle de consciência que pretende neutralizar o potencial crítico do indivíduo, assimilando-o ao funcionamento do sistema. O resultado é a homogeneização crescente da consciência das pessoas, análoga àquela dos produtos da indústria cultural. A força desse controle se traduz na destruição do indivíduo como pessoa autônoma (GATTI, 2008, p. 83).

Assim, essa sistematização atinge a consciência dos indivíduos, perseguindo-a e até destruindo-a. Da mesma forma que a sociedade se reproduz sem partir da autonomia de seus integrantes, outro processo se instalou no desenvolvimento do esclarecimento. Pode-se constatar que o desenvolvimento e o uso das forças de produção feitos pelo esclarecimento não contribuíram para a emancipação. Mas, ao contrário, impediram o estabelecimento de uma práxis transformadora da sociedade. Esse impedimento é fundamental para o êxito do sistema que busca controle social. Dessa forma, o Esclarecimento não mediu esforços para que sua existência fosse garantida e conservada. O prolongamento do ideal do esclarecimento não conduziu à constituição de uma sociedade na qual a liberdade se apresenta como uma constante que determina a vida dos sujeitos. Ao contrário, ele conduziu à instrumentalização, ao exercício de um poder que se conserva em prol de um bem para poucos na sociedade. Assim, “o que ocorre no capitalismo administrado é que a utilização das forças produtivas não é orientada para a realização da justiça, para a emancipação do homem e para a eliminação da pobreza material, mas para a dominação por um sistema” (NOBRE, 2008, p. 91).

O alastramento da razão instrumental conduziu ao aumento do pragmatismo, do reducionismo e a um realismo supervalorizado que “pode ser explicado como o viver de forma tão externa à consciência [...]” (SILVA, 2011, p. 60). Os indivíduos são assim “narcotizados” pelo conhecimento científico e aderem ao sistema estabelecido “sem condições de uma autodeterminação, sem participação na elaboração do futuro da humanidade, sem possibilidade de uma resistência crítica” (FREITAG, 1986, p. 20-21).

Nesse ínterim em que o pensamento se tornou um ritual matemático (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 37) e que a subjetividade se volatizou (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 41), uma progressiva ruína da cultura teórica e o progresso técnico-científico marcariam a sociedade moderna. Acontecia uma propagação da cultura burguesa que se estabelecia como a mais elevada entre as demais. A “cultura superior” que passava a se impor estava atrelada ao modo de vida capitalista, isto é, uma vida preocupada com o desenvolvimento e progresso econômico, bem como o saber técnico e científico. Já a “cultura decadente” era oposta ao realismo exagerado próprio do que era cultivado pelo esclarecimento (SILVA, 2011, p. 60).

Como reflexo de todo avanço da razão instrumental, o mais forte efeito deste combate foi o menosprezo à cultura que popularmente era preservada, ao passo que a prestigiosa e evoluída cultura esclarecida prevaleceu. O movimento consequente dessa elevação fez com que cada vez mais a burguesia determinasse a cultura das classes inferiores com base na cultura elevada (OLIVEIRA, 2011, p.161).

O conceito de indústria cultural, foco principal dessa pesquisa, está nessa dinâmica social. O fortalecimento dessa forma artificial de cultura, entendida também como “cultura fabricada”, contribuiu para o surgimento de um “aglomerado” ao redor dela, isto é, de uma massificação social. A integração se valeu da imposição de saberes e não de uma real legitimação do conhecimento por parte dos indivíduos: a sociedade se estabelecia assim como a construção de uma nova ordem de coerção social.

Com a ciência e o desenvolvimento tecnológico em pleno avanço, a legitimação do poder que regulamenta a vida dos indivíduos acontece por meio de uma estratégia do próprio sistema. A sociedade esclarecida, que se gaba de sua suposta liberdade, domina e aliena grande parte de seus integrantes por meio de imposição de uma forma de vida. Ela domina a realidade social de tal forma que os indivíduos se veem naturalmente em uma realidade de dependência sem que possam ter outra alternativa que não a de assimilação ao sistema estabelecido.

Para continuar a existir, o sistema constrói a vida de seus explorados, porém, a sobrevivência deles se vale dessa justificação cega do sistema e ainda da sua imutabilidade (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 139). Logo, o modo pelo qual a nova cultura estabelecida artificialmente se apresenta como subversiva e alienante, pode ser constatado nas produções artísticas, seja na música, no cinema e outras produções culturais que passam a fazer parte do cotidiano. Diferentemente de compreender a arte como expressão pessoal dos autores, a nova cultura está exclusivamente dedicada à expansão do poder do mercado e à venda de seus produtos. O seu verdadeiro fim está na manipulação dos indivíduos na sociedade de consumo. Assim, o campo da produção artística é um dos principais cenários que manifesta a expansão do esclarecimento em sua perseguição ao sujeito pensante e autônomo.

A arte foi afetada à medida que passou a ser inserida no conjunto dos produtos produzidos em série. Ela teve a própria autonomia renegada. A arte burguesa fez o mercado se apropriar da arte para produção, exclusivamente, de bens de consumo. Desta forma, as produções culturais passaram a ser regidas não segundo a finalidade da própria arte, mas sim a partir do valor de uso ou de troca. A essa forma de produção de arte como facilitadora do poder da razão instrumental corresponde o conceito de Indústria Cultural explicitado por Horkheimer e Adorno na *Dialética do Esclarecimento* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 123).

Com o conceito de Indústria Cultural, “o produto cultural integrado à lógica do mercado e das relações de troca deixa de ser ‘cultura’ para tornar-se valor de troca” (FREITAG, 1986, p. 71). A cultura não é uma produção de arte, mas adquire “caráter homogeneizador e

totalizador” (HERMANN, 2009, p. 72), uma forma de transformar a cultura em mercadoria que perpetua o *modo burguês de vida*, isto é, que eleva a cultura capitalista. A produção padronizada dos produtos que podem gerar mais lucros nas vendas serão cada vez mais normalizados na sociedade da concorrência. Além disso, as produções culturais oriundas da produção padronizada perdem sua “finalidade”: já não são frutos de uma expressão interior “sem fim”, mas sim das necessidades de sucesso do mercado (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 148).

O conceito de Indústria Cultural como compreensão do estágio do capitalismo tardio, era novo e inovador para apontar o que estaria por trás do entretenimento e cultura massificada (GATTI, 2008, p. 76). Gatti aponta que chamar de cultura aquilo que é produzido pela indústria cultural é afirmá-la como uma imposição de “cima para baixo” e não, um processo espontâneo das massas de “baixo para cima”. Na realidade, o esclarecimento usa dessa estratégia “com o intuito de adaptar e integrar as massas, a ordem social vigente” (GATTI, 2008, p. 77).

A indústria cultural é um “sistema integrado”, racionalizado na sua produção e difusão por diretrizes capitalistas. Ainda segundo Gatti, o uso do termo indústria designa planejamento que “implica, em primeiro lugar, antecipação das regras que orientam a fabricação da obra em relação ao individual, uma relação que o individual não se contrapõe ao todo, mas é um elemento integrante dele” (GATTI, 2008, p. 77). Quer dizer que a produção da obra é responsabilidade do processo e não dos artistas. Isto é, ela é responsabilidade dos administradores, técnicos e diretores embasados nas normas do mercado. Com isso, a arte deixa sua unicidade e originalidade para se tornar mercadoria, sendo produzida em larga escala como produto padronizado. A finalidade é levar a sociedade à exclusividade do mercado e do lucro: “A cultura perde sua relativa independência em relação aos mecanismos de reprodução material da sociedade, integrando-se ao funcionamento dessa sociedade” (NOBRE, 2008, p. 82).

O sucesso dessa “cultura artificial” de massas não existe como algo conquistado por aceitação livre, mas sim pela homogeneização da sociedade. Ao continuar relações de troca de mercadorias, ela gera lucro. Assim, o avanço da Indústria Cultural está relacionado com a propagação da vida consumista nas mercadorias proporcionadas. Para Horkheimer e Adorno, “tanto técnica quanto economicamente, a publicidade e a indústria cultural se confundem” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 153). Isto significa que é próprio da indústria cultural ser propaganda de um modo de vida que deve se reproduzir, perdurar e contar com sua ampliação, independentemente das consequências. O Estado, que busca desenvolver-se em um “Estado de bem-estar social em grande escala” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 140), se baseia antes no movimento econômico em funcionamento na sociedade de massas. Tais massas reproduzem o sistema ao entrar na lógica da produção de massa. É a Indústria Cultural que cumpre o papel fundamental de massificação da sociedade transformando, cada vez mais, o homem em um “ser genérico” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 136).

Em síntese, é a indústria cultural o principal instrumento que se vale do sistema para dominar cada vez mais a sociedade, entrando na mente e no cotidiano dos indivíduos e aumentando a influência do mercado. Também os meios de comunicação e as propagandas são cruciais para o fortalecimento da coerção social através da Indústria Cultural. Eles também foram marcados pelo desenvolvimento tecnológico a ponto de permitirem somente uma comunicação de um só para uma multidão.

3 A COMUNICAÇÃO INSERIDA NA INDÚSTRIA CULTURAL

Não há sentido em discutir sobre a Indústria Cultural sem sua influência na comunicação, que é o campo onde atua para expansão da lógica colonizadora da sociedade. A comunicação, ligada à Indústria Cultural, opta exclusivamente pela imposição de ideias e conteúdos. Ao realizar um diagnóstico social, Horkheimer e Adorno afirmam que o próprio crescimento do nazismo e do fascismo veio “acompanhada de um extraordinário desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, da propaganda e da indústria do entretenimento, o que aumentou em muito as possibilidades de controle social pelos poderes estabelecidos” (NOBRE, 2008, p. 41). Desse púlpito doutrinador se valeu o esclarecimento para expandir suas influências na sociedade, dominando as organizações sociais por meio da utilização da cultura.

A estratégia da Indústria Cultural é reproduzir o belo e o que é aceito pela massa. Na realidade, quando algo é oferecido aos consumidores pela propaganda se faz propaganda enganosa. Isso ocorre porque, na maioria dos casos, o que se promete é a objetivação e não a coisa em si. O fato de a coisa ser apresentada de modo espetacular desperta o desejo de consumo, leva à compra e, conseqüentemente, conduz o comprador a renunciar àquilo que era seu real desejo: “A diversão favorece a resignação, que nela quer se esquecer” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 133). A propaganda vigora, não tanto como meio de chamar para as vendas por meio do fetichismo da mercadoria, pois para isso ela serve indiretamente, na realidade ela visa “demonstrar a divindade do real” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 138) ao pretender reproduzi-la pela propaganda.

Horkheimer e Adorno apresentam como exemplo do poder de expansão do esclarecimento o surgimento do rádio, que é na realidade um propagador de um discurso que só pode ser ouvido, e não recebe interferência por parte de seus espectadores. Estes podem aproveitar, como recompensa pela audiência passiva às propagandas e reprodução das relações de troca e de lucro, sejam as músicas de grandes artistas ou os informes publicitários que preenchem seus dias como manifestação artística gratuita:

a apologia das mercadorias, sempre as mesmas sob diversas marcas, o elogio do laxante, cientificamente fundamentado, na voz adocicada do locutor entre as aberturas da *Traviata* e de *Rienzi*, tornaram-se, já por sua cretinice, insuportáveis. Um belo dia, a propaganda de marcas específicas, isto é, o decreto da produção escondido na aparência da possibilidade de escolha, pode acabar se transformando no comando do *Fuhrer* (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 149).

Dentre tais fins exigidos pelo sistema, existe a crescente “exigência do entretenimento e relaxamento” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 148), que indivíduos querem usufruir depois de uma dura e cansativa jornada de trabalho: “O controle dos consumidores é mediado pela diversão, que dá continuidade à estrutura do trabalho e não exige nenhum pensamento próprio” (HERMANN, 2009, p. 72). Ao mesmo tempo, seu lazer é o consumo dos produtos que muitos como ele produziram nas indústrias, produtos proporcionados como símbolos do prazer: o lazer dele não é a liberdade das fábricas, mas sim o consumo do trabalho fabril. O lazer será então procurado por quem quer escapar do trabalho mecanizado para se “pôr de novo em condições de enfrentá-lo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 128).

Em síntese, é por meio de uma adesão à proposta do sistema que os indivíduos se integram ao processo do Esclarecimento. E, mais precisamente, é por meio de meios atrativos que promovem o entretenimento, ou por se verem obrigados a integrarem o processo do Esclarecimento pela luta de sobrevivência. Com tais parâmetros da produção artística, podemos entender que o sistema se vale dessas relações de dominação por meio de produtos que o conquistam para a marcha do esclarecimento, e a arte se torna “um gênero de mercadorias preparadas, computadas, assimiladas à produção industrial, compráveis e fungíveis” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 148).

Isso significa que uma sociedade de massa é uma coletividade manipulada por interesses privados dentro da lógica social, acreditando estar vivendo sua subjetividade e liberdade. Na realidade a ideia propagada como liberdade individual é regulada e ilusória e utilizada como meio de promoção da lógica do Esclarecimento: indivíduos narcotizados e embriagados por promessas de um mundo livre são na verdade explorados, dominados e deturpados em seus anseios por uma vida livre. As reivindicações de uma verdadeira libertação são amenizadas (cf. FREITAG, 1986, p. 69) e, logo, enquanto evolui seus meios de produção. O sistema social sobrevive com êxito à condição que uma massa coesa que corrobora com interesses privados no meio social.

A identidade dos indivíduos é dissolvida, e caso eles não se identifiquem com a ordem social estabelecida, podem ser excluídos: “Todos têm que mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas [...] todos podem se tornar felizes, desde que se entreguem de corpo e alma, desde que renunciem à pretensão de felicidade” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 144).

A indústria cultural, que faz da arte uma mercadoria e que é marcada pela padronização, tem como fim a reprodução e manutenção da vida social existente. Vida esta marcada pelo consumismo e o operacionalismo, sem pausas para reflexões. Isto quer dizer que a própria indústria cultural é uma forma com que o esclarecimento se vale para preservar suas massas do poder libertador da consciência individual. Exemplo disto pode ser visto na mentalidade conteudista, em que a variedade de informações que os sujeitos podem ter, o saber enciclopédico, não dão, nele mesmo, um olhar crítico à realidade como afirma Oliveira: “a chamada era da informação tem produzido muito mais desinformação. Os indivíduos têm

seu espaço preenchido por informações o tempo todo de tal modo que eles não conseguem mais processar criticamente tais informações” (OLIVEIRA, 2011, p.166).

A sociedade que resulta com toda a revolução do esclarecimento é a sociedade que vive o fenômeno da “pseudo-individualização” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 145). Trata-se do fenômeno da formação de “pseudo-indivíduos”, ou seja, sujeitos que se tornaram, com a socialização, padronizados ao se adequarem ao sistema. A aparente liberdade pode ser ligeiramente compreendida como a aparente harmonia do universal (sistema) ao particular dos indivíduos. Ao integrarem-se ao sistema, estes renunciam às suas particularidades para aderir aos preceitos do próprio sistema. Um exemplo dessa situação é o modo como os dominados levam mais a sério a moral que recebiam dos dominadores, eles se tornam “massas logradas” que “sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 125). Isso faz com que os desejos das massas sejam os mesmos que os de seus dominadores e, por conseguinte, “insistem na ideologia que os escraviza[...] o conformismo dos compradores, assim como o descaramento da produção que eles mantêm em marcha, adquire boa consciência. Ele (o comprador) se contenta com a reprodução do que é sempre o mesmo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 126).

Com a fragilidade da autonomia individual, os sujeitos éticos cedem seu poder de decisão ao sistema, que passa a ganhar força no meio social (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 146). Não se concede aos indivíduos os meios para a individuação e o crescimento em autonomia. Ao contrário, torna-se viável a manipulação: “sob o imperativo da eficácia, a técnica converte-se em psicotécnica, em procedimento de manipulação das pessoas [...]. O que importa é subjugar o cliente que se imagina como distraído ou relutante” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 153).

Nisto consiste o retrato da sociedade esclarecida: ao buscar a libertação do poder da ignorância do pensamento mítico, sem fundamentação científica, passa a perseguir os sujeitos e sua individuação, reprime o poder da reflexão e pensamento autônomo, em nome da continuidade do sistema. Esse intento não seria conseguido sem a ação colonizadora da arte que passa a valer como continuação das relações de troca e de consumo. Antes compreendida como espaço de expressão do indivíduo, ela se torna instrumento para a expansão do mercado. Contudo, a arte precisa ser vista como meio de expressão e não como alienação. Somente resgatando o potencial de emancipação dos indivíduos, que foi esquecido pelo esclarecimento, é que o quadro de restrição ao potencial emancipador das próprias consciências poderia ser revertido. E esse processo de descobrimento da emancipação individual pode começar pela produção artística e seu poder emancipador, como Adorno defenderá na fase conhecida de sua maturidade nos anos 1960 (NOBRE, 2008, p.74). Porém isso só pode ser melhor esclarecido com outro trabalho de pesquisa.

CONCLUSÃO

Ao elaborar este trabalho nossa intenção foi de compreender o conceito de Indústria Cultural desenvolvido por Adorno e Horkheimer na Dialética do Esclarecimento. O que nos motivou foi o quadro que vivemos de barbárie social. Temos ouvido, por exemplo, que a economia de um país é mais importante que a saúde da sua população. Temos construído um mundo em que tudo e todos parecem ser mercadorias a favor do lucro e da dominação. Diante desse contexto, torna-se evidente a necessidade de refletir sobre a humanidade e pensar de que modo chegamos a esta situação.

Para alcançar nosso objetivo, percorremos o caminho dividindo em três etapas. Na primeira, explicitamos a linhagem histórica do Esclarecimento, tal como desenvolvida por Horkheimer e Adorno. Para compreendermos bem o tema da Indústria Cultural, traçar esse percurso histórico se mostrou de fundamental importância para situá-lo na história do Esclarecimento. Em seguida, concentramos nossa atenção no exame da noção da Indústria Cultural. Procuramos compreender o seu sentido, a sua influência no modo pelo qual a sociedade se organiza e seu funcionamento. Finalmente, na última etapa do caminho, apontamos de que modo a Indústria Cultural faz uso da comunicação, de modo especial da propaganda, com o objetivo de influir no modo de ser da sociedade. Indicamos, ainda, que a arte foi transformada em mercadoria e sociedade de mercado.

Após o caminho percorrido, concluímos que Indústria Cultural é um instrumento utilizado pelo mercado em prol da massificação da sociedade. Ela está à serviço de uma sistematização social orientada pelo sistema capitalista. Em consequência, a noção de Indústria Cultural nos revela que o processo do Esclarecimento não conduziu à formação dos sujeitos autônomos. Ao contrário, ele gerou uma sociedade de classes caracterizada pela dominação dos detentores do capital. Em vez de uma sociedade constituída por sujeitos livres, o processo do Esclarecimento produziu novos mitos, gerou indivíduos narcotizados e imbecilizados. O resultado de sua pretensão de domínio, vem sendo hoje também sentido pela natureza. Os animais, as florestas, as fontes de água e de matérias-primas são todas prejudicadas nesse processo.

Diante do que afirmamos é possível perceber que o estudo sobre a Indústria Cultural nos ajuda a compreender melhor os desafios do tempo atual, isto é, a sobreposição da economia sobre outras dimensões da vida humana, a lógica de dominação do homem pelo homem, e a dificuldade de nos tornarmos sujeitos emancipados.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Rodrigo. O esquematismo kantiano e a crítica à indústria cultural. *Studia kantiana*, v. 4, n. 1, 2003, p. 85-105 Disponível em: O esquematismo kantiano e crítica à indústria cultural | Duarte | Studia Kantiana (sociedadekant.org) . Acesso em: 30 set. 2022.

FREITAG, Bárbara. A teoria crítica: ontem e hoje. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986

GATTI, L. Ferreira. Theodor W. Adorno: Indústria Cultural e crítica da cultura. In: NOBRE, M. (org.). Curso livre de teoria crítica. Campinas, Papirus Editora, 2008

HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. Dialética do esclarecimento – Fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. 3ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1985.

NOBRE, M. Max Horkheimer: A teoria crítica entre o nazismo e o capitalismo tardio. In: NOBRE, M. (Org.). Curso livre de Teoria Crítica. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 286-290.

OLIVEIRA, Robespierre. Crítica cultural e sociedade unidimensional. Revista de Estética e Filosofia da Arte do Programa de Pós-graduação em Filosofia - UFOP, v. 6, n. 11, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/issue/view/57> . Acesso em: 30 set. 2022.

SILVA, Paulo Lucas da. Dialética, cultura e conhecimento em Adorno. Argumentos: Revista de Filosofia, v. 3, n. 6, 2011. Disponível em: Dialética, cultura e conhecimento em Adorno (redib.org). Acesso em: 30 set. 2022.

HERMANN, N. A Indústria Cultural. In: TIBURI, M. e DUARTE, R (org.). Seis leituras sobre a Dialética do Esclarecimento. Ijuí, Editora Unijuí, 2009.